

CAPÍTULO 5

‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO

Data de aceite: 05/02/2025

Vítor Hugo da Silva

Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais- PUC Minas
<http://lattes.cnpq.br/1689127387758633>

RESUMO: O presente trabalho propõe discutir e analisar o poema “Profundamente” de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significado simbólica no poeta. Pode-se discernir o aproveitamento da fala coloquial, os fatos do dia a dia, o sentimento de humildade diante dos fatos, o humor e uma visão de amor àqueles que fizeram parte de sua vida. De acordo com as teorias de Lejeune passa-se à análise da memória, procurando mostrar na obra bandeiriana a possibilidade de recuperação e de recriação do que *foi*. Percebe-se, assim, que os temas da memória e da morte estavam diretamente ligados ao tema de utopia, pois em “Profundamente”, a recuperação do passado torna-se evidente. Para tanto, selecionei o poema para efetivar a ideia de morte e das reminiscências em Bandeira.

PALAVRAS - CHAVE: Profundamente, Manuel Bandeira, Poética, Memória.

‘PROFUNDAMENTE’ [DEEPLY]
IN MANUEL BANDEIRA: AN
INTERPRETATIVE VIEW

ABSTRACT: This work aims to discuss and analyze Manuel Bandeira's poem “Profundamente” [Deeply], as well as the quotidian that acquires symbolic significance for him. One can discern the use of colloquial speech, the facts of everyday life, the feeling of humility in the face of the facts, humor and a view of love to those who shared with him a daily life. According to Lejeune's theories, memory's analysis is performed by tracking, in the Bandeira's work, the possibility of recovery and re-creation of what once was. Thus, one realizes that the themes of memory and death were directly linked to the theme of utopia, for in “Profundamente” [Deeply] the recovery of the past becomes evident. So, I selected this poem to effect the idea of death and reminiscences in Bandeira.

KEYWORDS: Profundamente [Deeply], Manuel Bandeira. Poetic. Memory.

INTRODUÇÃO

O foco neste estudo é de analisar e interpretar, como se configuram, na

poesia de Manuel Bandeira, temas como a memória. Para tanto selecionei o poema “Profundamente” que discute-se o predomínio da ausência na vida e na obra do tísico; investiga-se a presença da morte em “Profundamente”, do sonho, do ideal e do possível e da solidão na poesia bandeiriana, dessa forma, identifica-se a utilização das reminiscências, da tradição e da ruptura no fazer artístico do poeta.

O mundo interior do *eu* se encontra totalmente perturbado pelas perdas pessoais. A ausência de entes que preenchessem o seu cotidiano é mais sofrida do que a perspectiva da morte.

Esse período, fonte de poesia que se tornaria inesgotável, será evocado o poema “Profundamente” – como um tempo de felicidade e vida intensa ao lado dos seus familiares.

Ao referir explicitamente à Rua da União, esta se encontra presente, na citação de personagens comuns: “Meu avô, Minha avó, Totônio Rodrigues, Tomásia, Rosa”. (BANDEIRA, p.140, 2007).

Passa, então, a eternizar o que foi perdido, apegando-se às coisas e pessoas que já se foram. Em “Profundamente”, essa busca pelo que já se foi é facilmente percebida, nos versos que evocam os parentes mortos. “Estão todos dormindo” (BANDEIRA, p. 140-141, 2007).

Ao relembrar as perdas, o sujeito do poema se encontra mortificado, destituído de vida numa vida que se perdeu. Assim, a experiência se fixa na subjetividade lírica, é matéria para o fazer poético de Bandeira, onde a configuração da ausência aparece como o seu oposto, ou seja, as imagens permanecem vivas e correspondem às vidas perdidas. A ausência, no espaço poético, conduz o *eu* a reminiscências ainda presentes em seu interior.

A percepção de algo que aconteceu no passado é persistente nos poemas de Bandeira como, por exemplo, no poema “Profundamente” no qual a presença do outro, já extinta, se coloca em imagens que ocupam a ausência: “Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo” (BANDEIRA, 2007 p. 140).

Entretanto, certamente, nesse ponto de vista, pode-se até dizer que o poeta se modifica “na ausência” e se transforma na aprendizagem e com a morte, bem o diz Rosenbaum:

Há, certamente, uma aprendizagem da morte, na qual o poeta recolhe sabiamente o que de mais essencial “a vida madrasta” lhe ensinou. Esse aprendizado da finitude – um dos alicerces da poesia bandeiriana – reflete as marcas de uma atitude madura de reflexão e compreensão fundas do sentido da existência (ROSENBAUM, 2002, p. 76).

Dessa maneira, constata-se que na criação poética do autor, há uma intimidade gradativa correspondente com a relevância da morte, familiaridade exclusiva do seu aprendizado que conduz da inquietação ao clamor, da memória à morte sem qualquer lamento.

E Rosenbaum (2002, p. 23) afirma que, ao atingir tal nível de maturidade tanto pessoal quanto poética, Bandeira consegue configurar o ausente, tudo o que foi perdido, fazendo-o ressurgir no seu espaço literário, ou seja, o poeta toma posse dos sinais deixados por entes queridos, resgatando a vida, pela exaltação da morte.

UM OLHAR INTERPRETATIVO EM “PROFOUNDAMENTE”

Poeta livre de modismos, escolas e ideias, Bandeira torna-se parâmetro para o modernismo brasileiro, passando da desestruturação da lírica antiga para a estruturação da lírica moderna. Isso fica evidente em diversos aspectos de sua obra, porém mais contundente nas questões referentes ao *eu lírico*, pois ele, ao parecer misturar sua vida com sua obra e ao escrever sua autobiografia, instaura algo novo em poesia, que é falar de si mesmo, quando não se é o mesmo. Bandeira criou um *eu lírico* parecido com ele mesmo – veja-se em “Profundamente”

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengalas
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

^{3/4} Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô

Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

-Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.
(BANDEIRA, 2007, p. 140)

Nesse poema, de verso livre, pode-se perceber como a força musical se impõe. O poeta fez uso incessante da aliteração, presente na repetição de sons, em especial do /S/, som sibilante emitido ao se pedir silêncio, em prol, por exemplo dos que dormem profundamente. Além disso, há repetição de alguns versos, fazendo uma trama sonora a fim de compensar a ausência de rimas

De acordo com Corci (2010), na primeira estrofe, o poeta apresenta a situação de forma descritiva, com o objetivo de causar uma sensação de intimidade, de afeto; assim, sua relação com a memória, com a alegria, com a festa está explicitamente colocada.

Já na segunda estrofe, o *eu lírico* faz um relato de sensações e invoca, pela primeira vez, uma saudade, criada pela construção dos versos: “Não ouvi mais vozes nem risos”; “Apenas balões/ passam errantes” e “O ruído de um bonde/ cortava o silêncio”.

Na terceira, estrofe prolongam-se sensações anteriores, ocorrendo uma fusão sensorial e intimista, pois quando o *eu lírico* adormeceu, havia alegria e rumor, estrondos de bombas, luzes, vozes, cantigas, risos. Ao despertar no meio da noite, ocorreu a percepção do silêncio, apenas. Este silêncio provocou o surgimento de outras emoções, em contraste com a alegria presente na estrofe anterior. Apresenta-se, então, um sinal de desalento em contraste amplo com a alegria da primeira estrofe. O mundo está dormindo e dormindo profundamente.

A segunda parte do poema, que tem início na quarta estrofe, o *eu lírico* invoca, novamente, a sensação intimista, ao usar a memória como referência, com especial atenção ao seu tempo de infância. Constrói-se, nessa estrofe, a mitologia dos seus tipos, que apresentam a mesma consistência heroica das personagens dos poemas homéricos.

Observa-se, na quarta estrofe, uma confusão dos tempos – passado e presente – em função da emotividade. Surgem os personagens marcantes da infância, a saudade do passado, identificada pelas vozes de um tempo remoto, talvez encarcerado na memória dos seis anos de idade.

Essa sensação se amplia na quinta e sexta estrofes, ao enumerar os objetos de sua saudade (avô, avó, Tomásia, Rosa, etc.).

Na sexta e última estrofe, o *eu lírico* utiliza novamente o recurso da terceira, ou seja, o intimismo e a sensibilidade, dados que encenam a percepção de vida e morte, sendo que esta última encontra-se marcada, com ênfase, pelo uso de anáfora: “estão

“todos dormindo, estão todos deitados” e a elipse do pronome “eles”, ausente como os que já haviam morrido.

Corci (2010) comenta ainda que a imagem poética criada pelo *eu lírico* encontra-se presente, essencialmente, na vertente alegria versus saudade, dualismo expressado metaforicamente pela festa de São João, fato que se repete durante todo o tempo do poema, reativando todo um grau de sensações e lembranças. Apoia-se num jogo sonoro que desencadeia vários níveis de experiências pessoais, confirmadas no lirismo descritivo do *eu poético*.

Verifica-se, no poema, que o *eu lírico* parte da alegria, da felicidade de uma festa, para o encontro final com a morte. A exaltação inicial à festa vai ao encontro de um emaranhado de lembranças, que, por sua vez, incorpora o claro sentido da morte, com um vago pesar, de uma saudade que beira o sufocamento: o sufocamento da morte, à espreita, sempre atenta, à espera.

O poema transmite a noção de percepção do “passar do tempo” que se torna patente ao final da celebração de São João. O *eu lírico* se dá conta do que se passa, de fato, e que inúmeras personagens que frequentavam aqueles festejos, agora já não se encontram presentes.

A percepção da passagem do tempo traz consigo uma profunda saudade que conduz o *eu lírico* ao encontro da realidade. Os fatos vivenciados encenam-se na quinta estrofe, momento em que o poema refere-se ao círculo familiar.

Essas reminiscências surgem como uma névoa, como um conto escrito em partes, nas quais se misturam lembranças reais, com outras apenas imaginadas, pois o *eu lírico*, em “Itinerário de Pasárgada”, lembra “o mundo e sua vida a partir de Petrópolis, e não do Recife, onde nasceu” (LEITÃO, 1995).

Configura-se aqui o esquecer para lembrar. O poema apresenta-se em dois planos temporais distintos: o passado (o ontem), quando o *eu lírico* tinha seis anos, e o presente (o hoje), que é a representação do silêncio, do vazio. O passado é o tempo da família, da infância, do calor humano, quando havia humor e alegria, música e dança, balões e foguetes. O presente é a solidão, a percepção da finitude da vida.

Esses dois planos encontram-se bem definidos pela utilização de recursos que, em última análise, trazem à tona o paradoxo da vida versus morte, de acordo com os advérbios que surgem na primeira e na sexta estrofes, respectivamente: “Quando ontem adormeci” / “Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo”.

Além do uso dos advérbios, a mudança dos tempos verbais assume uma mudança de sentido: “Estavam todos dormindo, estavam todos deitados”; “Estão todos dormindo, estão todos deitados”, numa clara referência, ao paradoxo vida / morte. Nota-se, no início do poema, uma alusão às lembranças vividas em várias noites de São João (posto que usa e repete “fogueiras” no plural). Cada uma com sua fogueira: noite de São João. Lembranças

essas recorrentes, íntimas e pessoais das quais somente mais tarde, ao consolidar a experiência humana, puderam ser transportadas para a experiência poética.

Observa-se que o emprego de uma série de verbos no imperfeito do indicativo (da 1^a à 4^a estrofes) marca o fato de que o sono realmente ocorreu num certo tempo no passado. Porém, ao passar a usar o verbo no presente (estrofes 5 e 6), o *eu lírico* destaca que o sono continua, agora eternamente, sem interrupção.

A expressão “dormindo profundamente” é empregada duas vezes: a primeira surge em seu sentido denotativo, no passado. A segunda, no sentido conotativo e no presente, quando o *eu lírico* não ouve mais as vozes “daquele tempo”, pois todos já estão mortos:

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo

Minha avô

Meu avô

Totônio Rodrigues

Tomásia

Rosa

Onde estão todos eles?

-Estão todos dormindo.

Estão todos deitados

Dormindo

Profundamente.

Há de se destacar que, do ponto de vista formal, as características modernistas podem ser observadas no texto, tais como a liberdade formal, a linguagem coloquial e o subjetivismo.

Convém, ainda, ressaltar que, na construção do poema, a rima e a métrica são substituídas pelo ritmo, marcado pela utilização de versos longos e curtos, construção sintática simples, cotidiana, popular, conferindo musicalidade ao poema, dada a valorização da palavra. Valorização que proporciona o prazer da leitura e que se constitui em grande preocupação para o *eu lírico*. Dessa maneira reporta as palavras de Mallarmé quando se define a poesia: “As palavras iluminam-se de reflexos recíprocos como um virtual rastilho de luzes sobre pedrarias...”. (Bandeira, 1984, p. 80).

A linguagem, a utilização certa dos vocábulos, visando a um ritmo adequado no momento da leitura e da compreensão do verso são, para o autor, responsáveis pela combinação de timbres, numa demonstração de “fazer poético” que se caracteriza pelo ritmo poético do verso livre.

Torna-se relevante também salientar que a denotação, na primeira estrofe, faz referência a um tempo e não a um lugar. O tempo é um recurso estilístico presente em cada verso da primeira estrofe. O Recife sempre presente em Evocação permanece na memória. As palavras são essenciais e marcantes.

Os advérbios modificam o sentido. A antítese é marcada pelos antônimos adormeci/despertei. Um outro recurso estilístico é o dinamismo de alguns verbos: passavam,

cantavam, riam que esbarram nos verbos sem movimento: deitar e dormir, assim, o poema é um jogo de ir e vir, de passado e presente, de lembranças e imaginação, de realidade e ficção, de vida e morte

Prosseguindo na análise no poema “Profundamente”, pode-se perceber que a poesia está na vida do poeta e sensível é o *eu lírico* que consegue captá-la.

Essa sensibilidade torna-se o ponto de partida para que o poeta possa alcançar o inteligível. Para conseguir atingir esse objetivo, não é importante haver processo sofisticado, pois a vida é o dia a dia, feito de alegrias e tristezas, de vida e morte, captada e guardada na memória.

“Profundamente” é, antes de tudo, um desses poemas aos quais Manuel Bandeira vincula as circunstâncias biográficas de sua infância no Estado de Pernambuco, levando a recordar junto com ele suas próprias lembranças. (ARRIGUCCI, 1990, p. 202-203).

Na memória do *eu lírico*, sem limitação espaço-temporal, tempo e espaço fundem-se em um único momento transformado em instante poético. Interrompe o curso natural da vida e executa, então, um deslocamento da memória que resgata um tempo muito distante da infância jamais esquecida, lembrança dos seus seis anos, conforme mencionado no poema.

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São Joã
Porque adormeci

Elementos sugestivos trazidos na lembrança estão presentes na 1^a estrofe:

Estrondos de bombas luzes de Bengal
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas

Essas imagens da memória infantil, processo autobiográfico do *eu lírico*, são trazidos de volta, inesperadamente, pela emoção do passado, fonte primeira de sua poesia. Assim, o tempo nos é apresentado num ímpeto de lembranças: num sobressalto de emoção, antigas imagens retornam e, por caminhos tortuosos e obscuros, percorrem o processo de criação, sujeito a pressões circunstanciais diversas, nem sempre conscientes, como foi frisado várias vezes pelo poeta.

Em “Profundamente”, as imagens específicas dos folguedos de São João são, sem dúvida, a herança do *eu lírico* em seus contatos com um passado regional brasileiro, desde a infância, e que, então, se fundem no presente, “no hoje” (ARRIGUCCI, 1990, p. 203-204):

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

O poema nos apresenta, assim, fatos sucessivos que desencadeiam um processo caótico em que as coisas acontecem.

A pontuação quase inexistente é prova disso: a interrogação e o ponto final como representação de uma reflexão; a vírgula é excluída, porém marcada por traços concretos da formação linguística – o poema. Nele, o espaço e o tempo fundem-se nas “circunstâncias” em que o poeta atribui a origem da poesia.

A festa se apresenta em cena bem concreta e cheia de vivacidade com forte apelo aos sentidos, resultante de uma construção metonímica pela enumeração de partes próximas meramente justapostas por meio de substantivos concretos, num contexto originário gravado na memória coletiva da tradição religiosa e popular (ARRIGUCCI, 1990, p. 203-204).

Observa-se, na sequência verbal – pretérito (estrofes 1-4) e presente, (estrofes 5-6) que os tempos verbais ligam-se às lembranças da infância. Ao longo da viagem no tempo psicológico, alguns sentimentos alegres vão ficando para trás (ARRIGUCCI, 1990, p. 203-204).

O tempo está inserido ao modo do *eu lírico* trabalhar o seu eixo temático. “Profundamente”, segundo Arrigucci, como vários outros poemas do poeta, inicia-se como uma espécie de fórmula aberta, constituída por uma subordinada temporal, introduzindo, assim, a narração semelhante a de um momento de prosa de ficção: (Arrigucci 1990, p.204)

Quando ontem adormeci

A própria palavra “Profundamente” inicia-se como temática da composição, indicando a recordação da infância do poeta, e na 3^a estrofe ela se repete em “dormindo profundamente” para mostrar a real intensidade do sono após as brincadeiras joaninas: era o sono de todos os participantes ativos dos folguedos. Quanto a essa alegria genuína, Arrigucci ressalta a combinação de vogais nasais e consoantes nasais, nos dois primeiros versos, chega a seu apogeu na sonora e grave rima em eco de São João, contrastada logo em seguida por outro eco agudo: Havia alegria, garantindo por seu turno, logo depois pelo final grave de rumo . (ARRIGUCCI, 1990, p. 208-209):

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor

A última estrofe, “Dormindo Profundamente”, no entanto, refere-se a pessoas mencionadas e adquire novo significado: Estavam dormindo? Deitados eternamente? A expressividade de um sentimento mais forte, que não é veiculado pelo advérbio isolado. Só agora se descobre a relação de intensidade do *eu lírico* com as pessoas “dormindo profundamente”.

O que insere o *eu lírico* no poema definitivamente é a pontuação de travessão, um discurso direto, já presente na 3^a estrofe, ou pelo desmembramento de “dormindo”: “dor em

mim" pelos que estavam deitados eternamente, agora, e só agora, percebe-se que a dor da morte é obliterada pelo eufemismo.

É necessário, também, que se verifique a sonoridade do poema em que o *eu lírico* lança mão de todo o arsenal de som e ruído, combinando, assim, assonâncias, rimas internas, aliterações e todo efeito contrastivo de timbres vocálicos acoplados ao movimento do ritmo, que não buscam uma sequência, mas sim alternância, sem pontuação, sem conectivo, somente dois 'e' junta as duas expressões mais fortes, mais significativas como efeito sonoro e visual da cena da festa (ARRIGUCCI, 1990, p. 208):

Estrondos de bombas luzes de Bengalas

Arrigucci ainda destaca que:

O verso final da estrofe, embora conservando o contraste entre as vogais rítmicamente acentuadas (/é/ aberto, oposto ao progressivo fechamento do /ei/ e do /ê/, é, sobretudo um verso visual, sugerindo apenas implicitamente o crepitir do fogo e o calor das fogueiras que se soma e se irradia com a alegria dos participantes da festa (ARRIGUCCI, 1990, p. 209).

Ao pé das fogueiras acesas.

Em "Profundamente", o advérbio de modo, presente desde o título, repete-se mais duas vezes para caracterizar o sono real daqueles que dormem, de fato, na lembrança do passado, o sono definitivo, em metáfora da morte, na condição presente, ou seja, o eufemismo mencionado anteriormente (GOLDSTEIN, 2005, p. 80).

Bandeira amava muito a família e, certamente por essa razão, se acham presentes na sua obra todos os parentes: pais, avós, irmãos e pessoas que o rodearam e o acalentaram na sua infância e dela fizeram parte verdadeiramente

No poema "Profundamente", o poeta, em sua dor "profunda", prefere dizer que essas pessoas queridas estão "dormindo profundamente", ao invés de, por exemplo, "mortas inexoravelmente". É como se ele morresse com cada uma delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo trabalhei a análise e interpretação do poema bandeiriano, em especial o poema "Profundamente". Poeta livre de modismos, escolas e ideias, Bandeira torna-se parâmetro para o modernismo brasileiro, passando da desestruturação da lírica antiga para a estruturação da lírica moderna. Isso fica evidente em diversos aspectos de sua obra, porém mais contundente nas questões referentes ao *eu lírico*, pois ele parece mesclar sua vida com sua produção literária. Bandeira é, pois, o gênio da poesia moderna no Brasil, fazendo com sutileza, humildade e simplicidade, um trabalho artístico inquestionável e marcado pela genialidade.

Ao concluir este estudo, vale sublinhar que a preocupação de Bandeira com o saber, manifestada nos textos como ensaios, crônicas, memórias, levou-o a uma outra esfera do conhecimento: a de que era preciso experimentar novas formas de poesia dentro da

tradição literária, buscar a originalidade como faziam os clássicos, pesquisando novos temas, dinamizando o processo de criação, ousando inovações, e estas sempre afinada com os horizontes estéticos da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira/ Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- _____. **Itinerário de Pasárgada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CORCI, Danilo. Quarenta anos profundos de Bandeira. **Revista Speculum**, Goiás, v. 11, n. 624, p. 3, 2010. Disponível em: ><http://www.speculum.art.br/novo/?3074>< Acesso em: 24 maio. De 2010
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Traços marcantes no percurso poético de Manuel Bandeira**. Goldstein (org.). São Paulo: Associação editorial Humanitas. 2005.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.) Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LEITÃO, Cláudio Correia. As primeiras inesquecíveis vezes: hábitos e ritmos na formação do poeta Manuel Bandeira. **Vertentes**. São João del-Rei, v. 3, n. 6, p. 31-34, jul./dez. 1995.
- ROSENBAUM, Judith. **Manuel Bandeira: uma poesia da ausência**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.